

# *Oitocentos*

*Arte Brasileira do Império à República*

*Tomo 2*

ARTHUR VALLE

CAMILA FAZZI

(ORG.)



2010

**Realização da Publicação**

UFRRJ  
CEFET-Nova Friburgo

**Organização**

Arthur Valle  
Camila Dazzi

**Projeto Gráfico**

Camila Dazzi  
dzaine.net

**Editoração**

dzaine.net

**Editoras**

EDUR-UFRRJ  
DezenoveVinte

**Correio eletrônico**

dezenovevinte@yahoo.com.br

**Meio eletrônico**

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no *II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX*. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. / Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

1 v.

ISBN 978-85-85720-95-7

1. Artes Visuais no Brasil. 2. Século XIX. 3. História da Arte. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX.

CDD 709

ISBN 978-85-85720-95-7





# A presença da Academia Imperial de Belas Artes e da Escola Nacional de Belas Artes no cenário das artes visuais em Santa Catarina

Sandra Makowiecky



atuação e importância da Academia Imperial de Belas Artes e Escola Nacional de Belas Artes tem recebido a atenção de muitos estudiosos, sobretudo do Rio de Janeiro. Mesmo sendo necessário ressaltar a importância da sua presença no contexto geral no Brasil, iremos nos deter mais em situar os artistas de Santa Catarina.

## **A Academia, seus objetivos, função, métodos de ensino, conquistas**

Com a vinda da chamada Missão Francesa ao Brasil, em 1816, pretendia-se a implantação do ensino regular de artes com vistas a superar a tradição colonial barroca nas artes e no embelezamento urbano, sobretudo do Rio de Janeiro, sede do reinado.

Quarenta franceses foram encarregados de implantar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, criada pelo Decreto de 12 de agosto de 1816. A denominação foi alterada posteriormente sendo que em 1826 passou a se chamar Academia Imperial de Belas Artes (AIBA). No período republicano, em 1889 passa a ser Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). E em 1965 teve outra vez o nome alterado para Escola de Belas Artes (EBA), fazendo parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A criação da AIBA no Rio de Janeiro em 1826, inaugura o ensino artístico no Brasil em moldes semelhantes aos das academias européias. No Brasil, a arte da Academia corresponde, em linhas gerais, aos modelos neoclássicos e românticos. Entre as várias adaptações está o predomínio das paisagens entre os pintores acadêmicos no Brasil, a despeito da hierarquia de gêneros que considerava a paisagem secundária. No que diz respeito à pintura histórica, vale destacar o papel da ‘arte acadêmica nacional’ na construção de uma iconografia do Império, sobretudo entre 1841 e 1889, no período de Dom Pedro II (1825-1891). Ao lado da profusão de retratos do imperador e do

registro de comemorações oficiais, parte dos artistas acadêmicos envolve-se na construção de uma memória da nação.<sup>1</sup>

Luiz Marques, no prefácio do livro *Paisagem e academia: Felix-Émile Taunay e o Brasil (1824-185)*<sup>2</sup>, descreve inversões que ocorreram na capital do Império em relação ao que sucedeu na Europa. Lá, a instituição decorre da história; aqui a história deve decorrer da Instituição. “E é a essa invenção do passado e futuro de um país que não existe para si, que não poderá existir senão nas fátuas celebrações da corte, que Félix se dedicará de corpo e alma”. A segunda inversão trata de que enquanto na Europa a história criara a geografia, aqui a geografia cria a história. Para o autor, a geografia no Brasil é muito mais real e verossímil, ela se impõe cotidianamente aos sentidos. A terceira inversão é decorrente da segunda, pois enquanto na Europa das Academias, o gênero mais elevado é o da pintura de história, no Brasil, esse lugar será ocupado pela pintura de paisagem, gênero relativamente baixo na hierarquia européia.

É fundamental destacar que a maior preocupação das academias européias, no início de sua existência, no Renascimento, voltava-se para a consolidação de uma nova posição para as artes plásticas, tirando-as da posição inferior e reivindicando a postura superior de artes liberais, como a poesia e a música. Para isso, era preciso que o artista fosse um intelectual, ou seja, que sua obra tida como mecânica tivesse origem em uma atividade espiritual.

*Mas é inegável que a Academia ampliou os horizontes das artes plásticas no país, criando um novo estatuto para o artista, fornecendo-lhe uma formação técnica aprimorada e expandindo o território artístico. Fundada e mantida pelo Estado, a academia atrelava a produção ao direcionamento oficial [...] mas nesse momento, em que não existia ainda no país um mercado para o consumo das artes, o patronato do Estado foi de vital importância para o seu.*<sup>3</sup>

*As Exposições Gerais trouxeram uma nova motivação aos artistas, mobilizando professores e alunos, suscitando discussões infindáveis que eram alimentadas pelos meses subseqüentes, mesmo depois de desmontada a mostra anual, até serem substituídas pelas especulações que antecederiam uma nova exposição. Além disso, elas eram prestigiadas pela presença do imperador, que incentivava a cultura, as ciências e as artes.*<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup>Academia Imperial de Belas Artes- AIBA. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=marcos\\_texto&cd\\_verbete=332](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=332) Acesso em 29 dez.2009.

<sup>2</sup> DIAS, Elaine. **Paisagem e Academia: Feliz- Émile Taunay e o Brasil ( 1824- 1851)**.Campinas: S.P, Editora da Unicamp, 2009, p. 13-17.

<sup>3</sup> PEREIRA, Sônia Gomes. **Arte brasileira no século XIX**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008, p. 15.

<sup>4</sup>LUZ, Ângela Ancora da. **Uma breve história dos salões de arte: da Europa ao Brasil**. Rio de Janeiro, Caligrama, 2005, p. 64.

O Prêmio de Viagem à Europa fazia parte do conjunto de medidas didáticas aplicadas na Academia Brasileira, e era baseado, mais uma vez, nos modelos franceses de ensino. As normas que regiam o pensionato no exterior determinavam aperfeiçoamento com mestres consagrados do academismo, impedindo a assimilação das novas tendências da arte.

## Artistas de Santa Catarina

Artistas de Santa Catarina frequentaram a Instituição em períodos diversificados. Foram eles: Victor Meirelles de Lima, Martinho de Haro, Agostinho Malinverni Filho, José Silveira D'Ávila e José Bonifácio Brandão (ou Dide Brandão, como ficou conhecido). Ressalta-se que estes são os artistas dos quais conseguimos informações até o presente momento. Talvez existam outros nomes dos quais ainda não temos notícia, de períodos mais recentes.

Ao nos aproximarmos da presença da AIBA e da ENBA no cenário das artes visuais em Santa Catarina, podemos perceber o que de sua influência restou? Quais possíveis desdobramentos? Vamos aos artistas.

Victor Meirelles de Lima, considerado por muitos o maior pintor brasileiro do século XIX, nasceu em Florianópolis, em 1832 e faleceu no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1903.

*A biografia de Victor Meirelles tem sido bastante citada na literatura recente na qual sempre é ressaltada sua prolongada relação com Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro; primeiro como aluno (1847-1852); em seguida como pensionista na Europa (1853-1861); e finalmente como professor (1862-1890).<sup>5</sup>*

A vocação precocemente revelada foi estimulada pelos seus pais e apoiada pelas autoridades da época: aos 14 anos de idade ganhava uma bolsa para frequentar a AIBA e aos 20, em 1852 conquistava o Prêmio Especial de Viagem à Europa. De volta ao Brasil ganhou o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa e foi nomeado professor de pintura da Academia.

Victor Meirelles deixou um extraordinário acervo, minuciosos esboços, estudos em papel e óleo sobre tela. Para Aguillar (2000)<sup>6</sup>, a obra *A Primeira Missa no Brasil* foi a principal responsável pelo prestígio até então inigualável que alcançaram as artes plásticas brasileiras na segunda metade do século XIX.

---

<sup>5</sup> PEREIRA, Sônia Gomes. Victor Meirelles e a Academia Imperial de Belas Artes. IN: TURAZZI, Maria Inez (org). **Victor Meirelles, novas leituras**. São Paulo: Studio Nobel, 2009, p. 47-77.

<sup>6</sup> AGUILLAR, Nelson (org.). **Mostra do Redescobrimento: o olhar distante - the distant view**. Fundação Bial de São Paulo. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

Jerônimo Coelho, em 1845, à época conselheiro do Império, ficou impressionado com os desenhos de Victor e mostrou-os ao então diretor da AIBA Félix Émile Taunay, que o aprovou de imediato. Em 1847, com 15 anos incompletos, transfere-se para o Rio de Janeiro e ingressa na Academia onde cursa desenho e pintura histórica. No ano seguinte conquista a grande medalha. Entre 1853 e 1856, em virtude do prêmio de viagem à Europa, estuda em Roma e depois continua seu aperfeiçoamento na Escola de Belas Artes de Paris. No retrato, revelou qualidades insuperáveis. Retorna para o Brasil em 1861, com 29 anos de idade e no ano seguinte é nomeado professor de pintura histórica e paisagem na AIBA, cargo que exerceu até 1890. Entre seus alunos destacam-se Antonio Parreiras, Zeferino da Costa, Henrique Bernardelli, Rodolfo Amoedo, Belmiro de Almeida, Oscar Pereira da Silva, Almeida Júnior, Modesto Brocos e Eliseu Visconti. Sua competência como mestre sempre foi reconhecida<sup>7</sup>.

Em 1952, em Florianópolis ocorreu a fundação do Museu Victor Meirelles na residência onde ele nasceu. Em 2009, foi lançado o livro “Victor Meirelles, novas leituras<sup>8</sup>”, organizado por Maria Inez Turazzi, em que novos aspectos de sua vida e obra são reunidos. Escritos sobre ele não cessam, como ocorre com os clássicos. Cabe destacar o Projeto Victor Meirelles – Memória e documentação, que objetiva pesquisar, preservar e difundir sua obra. Além de catalogá-la o projeto se propõe a colocá-la à disposição de estudiosos, pesquisadores e, sobretudo, o grande público, através da digitalização do acervo.

Seus temas preferidos eram os históricos, os bíblicos e as paisagens e sua produção manteve-se fiel aos princípios neoclássicos. Era excepcional desenhista e possuía enorme aptidão para pintar paisagens. Preferia o desenho à cor e hoje tem sido reconhecido como um dos maiores desenhistas que já tivemos.

Martinho de Haro, nascido em São Joaquim, em 1907, aos 20 transferiu-se para o Rio de Janeiro. Como bolsista do governo catarinense, estuda na ENBA de 1927 a 1937. Teve orientação de Rodolfo Chambelland, professor na cadeira de modelo vivo e de Henrique Cavaleiro, pintor, desenhista, caricaturista e ilustrador. Mas a convivência com Ismael Rego Monteiro, Alberto Guignard, Cândido Portinari, entre outros, foi igualmente significativa no seu percurso, pois havia troca e por consequência o amadurecimento de uma concepção artística de espírito moderno<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> MAKOWIECKY, Sandra. **A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos**. 2003. 543 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Programa de Pós-Graduação do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

<sup>8</sup>TURAZZI, Maria Inez ( org). **Victor Meirelles, novas leituras**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

<sup>9</sup> LAMAS, Nadja de Carvalho. Martinho de Haro - contribuição para o pensamento artístico brasileiro. Disponível em: [http://www.museuvictormeirelles.org.br/umpontocoutro/numero6/nadja\\_lamas.htm](http://www.museuvictormeirelles.org.br/umpontocoutro/numero6/nadja_lamas.htm) Acesso em 28 dez.2009.

Ainda na década de 30, frequenta o curso de pintura de Henrique Cavaleiro e o Núcleo Bernardelli; viaja à França, onde estuda com Otto Friez na Academia de *La Grande Chaumiere* de Paris, em 1938. Devido a guerra, retorna a São Joaquim em 1939, ali permanecendo até 1944, quando se muda para Florianópolis.

Ativo participante de exposições e eventos fez parte do Núcleo Bernardelli, no Rio de Janeiro. Em 1936 recebe a Medalha de Prata no salão Nacional de Belas Artes, e um ano depois o prêmio de viagem ao exterior. Em entrevista realizada em 1975 assim se pronunciou:

*[...] Fui para o Rio em 1927. O deputado Francisco Alves Fagundes, de Campos Novos, trouxe alguns quadinhos para Florianópolis, que impressionaram o governador Adolfo Konder. Ele me ofereceu uma bolsa de Estado que me permitiu cursar a Escola Nacional de Belas Artes depois de eu ter feito um concurso de ingresso. Tirei o primeiro lugar no concurso - que dava direito à matrícula.<sup>10</sup>*

Com o prêmio de viagem, vai para Paris em 1937 retornando em 1939, por causa de guerra. Martinho foi o segundo catarinense a ganhar o Prêmio de Viagem ao exterior nas artes plásticas. Foi diretor do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), criado em 1949 sendo seu segundo diretor, no período de 1955 - 58. Faleceu em 1985, em Florianópolis, onde conseguiu a proeza de ser artista e viver dignamente de seu trabalho, fato raro na história da arte catarinense. Pintor que, tendo produzido por décadas nos limites de sua terra natal, conseguiu elevar-se como um grande nome do modernismo brasileiro, sendo referência obrigatória na história da arte do país, ao lado de Volpi, Guignard, Di Cavalcanti e Pancetti. Em 2007 comemorou-se em Florianópolis o centenário de nascimento do pintor com vários eventos como uma mostra no MASC com 120 obras do artista e mais duas outras exposições, além da realização de um documentário. Foi também lançado o livro “Martinho de Haro” (2007)<sup>11</sup>.

Teve vasta produção em paisagem, natureza morta, retratos, painéis, murais, desenhos de vitrais, mas é nas paisagens que se supera. Martinho de Haro foi um homem de ofício rigoroso. Estudou na academia, mas não seguiu a arte acadêmica, todavia entendeu o rigor do estudo, logo sendo reconhecido e valorizado por uma poética pessoal. Foi mentor da política cultural, e como membro do Conselho Estadual de Cultura evitou que muitos prédios históricos fossem demolidos.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida a Jornal em 1975, quando comentava uma retrospectiva de sua obra a ser realizada no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1977.snt.

<sup>11</sup> MATTOS, Tarcísio; CÔRREA NETO, Ilmar; ANDRADE FILHO, João Evangelista (orgs). **Martinho de Haro**. Florianópolis: Tempo Editorial, 2007.

Agostinho Malinverni Filho<sup>12</sup>, pintor e escultor, nasceu em Lages em 1913, (filho do escultor italiano Agostinho Malinverni) e faleceu em Lages em 1971. Em 1928, com 15 anos, conquistou o 1º. Lugar em desenho num concurso de âmbito estadual. De 1929 a 1933, trabalhou com seu pai, esculpindo em pedras na oficina de cantaria. Em 1934, iniciou seus estudos na ENBA ingressando com bolsa de estudos do governo do Estado de Santa Catarina. Permaneceu na Escola até 1945. Mais tarde, por conta própria, estudou pintura, escultura, arquitetura, modelo vivo, moldagem, modelagem, anatomia e geometria descritiva. Estudou com Marques Júnior, Augusto Bracet, Henrique Cavalheiro, Flexa Júnior, Raul Pederneiras, Georgina de Albuquerque, Cunha Mello, Correia Lima, Margarida Lopes de Almeida e os irmãos Carlos e Rodolfo Chambelland. O artista catarinense superava suas dificuldades financeiras pintando no porão da escola com material abandonado pelos colegas. Dessa forma foi pintado o quadro "Rua Taylor" que, em 1936, recebeu o primeiro prêmio na exposição coletiva da escola.

A partir de 1955, passou a pintar somente por encomenda e possui trabalhos espalhados pelo Brasil e exterior. A casa onde Malinverni Filho viveu é atualmente um museu dedicado à vida e ao trabalho do artista com peças entre fotografias, pinturas, esculturas, desenhos, reportagens e material de uso pessoal. Considerado um grande pintor de pinheiros, foi restaurador das telas do Palácio Itamaraty. Além disso, pintou em tamanho natural o retrato de três governadores do Estado. Seu estilo de pintura é clássico. Gostava de registrar principalmente paisagens, flores, nus, marinhas, natureza morta, retrato e interiores.<sup>13</sup>. Um dos aspectos mais importantes a relatar é o fato de que Malinverni Filho criou a 1ª. Escola de Belas Artes do Estado de Santa. Realizou diversos trabalhos de escultura de estátuas e bustos de personagens da história catarinense, em especial de governadores, que ainda hoje povoam as praças do Estado<sup>14</sup>.

José Silveira D'Ávila nasceu em Florianópolis em 5 de outubro de 1924 e faleceu no Rio de Janeiro em 30 de dezembro de 1985. Foi pintor, desenhista e gravador. Frequentou por oito anos (1945 a 1953) a ENBA com bolsa concedida pelo governo do Estado. Desde cedo revelou aptidões para a pintura e escultura. Alcançou várias premiações importantes na academia como Medalha de Ouro em pintura e de Bronze em escultura. Em 1951 recebeu o prêmio de viagem ao estrangeiro e deveria fazer cursos de aperfeiçoamento na Europa por cinco anos, mas permaneceu apenas três. Viveu grande parte de sua vida fora do Estado e teve forte ligação com o artesanato e preocupação com a arte e indústria. Em 1979 volta a residir em Florianópolis onde apresenta no MASC, em 1980,

---

<sup>12</sup> Disponível em <http://www.portallageano.com.br/acidade.php?secao=malinverni> Acesso em 10 fev. 2010.

<sup>13</sup> Disponível em <http://www1.an.com.br/2001/ago/16/0ane.htm> Acesso em 10 fev. 2010.

<sup>14</sup> Disponível em <http://www.correiolageano.com.br/htmNoticia.php?id=24725&c=5> Acesso em 10 fev. 2010.

uma retrospectiva de sua obra. Era bastante ativo e a documentação nos jornais destaca muito a função social da arte, aspecto que D'Ávila reforça bastante. Era sem dúvida, erudito e culto, conhecedor da história da arte e incansável pesquisador de técnicas.

José Bonifácio Brandão ou Dide Brandão<sup>15</sup>, como é conhecido, foi pintor, desenhista, gravurista, entalhador e escultor. Nasceu em Itajaí, em 1924. Fez curso de pintura na ENBA em cujo período não conseguimos precisar com exatidão<sup>16</sup>. Depois vieram as primeiras exposições e obteve uma “menção honrosa” no V Salão Municipal de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, em 1952. De volta a sua cidade fez sua primeira individual em 1955, nos salões da Sociedade Guarani. Seguiram-se exposições coletivas e amostras individuais em várias cidades brasileiras. Projetou-se com a conquista de inúmeros prêmios. Sua produção mais significativa foi realizada nos anos 50, 60 e 70 e inclui retratos, natureza morta, cenas de cotidiano, paisagens. Sua produção oscila entre a busca de uma linguagem moderna e os ensinamentos da academia, sem uma definição formal. Apesar de sua contribuição para a região ter sido importante, não é um artista com poética definida, como os que o antecederam.

Dide Brandão faleceu em 1º de fevereiro de 1976 aos 52 anos. A casa de Cultura da Cidade de Itajaí, inaugurada em 1982 recebeu seu nome e abriga um centro não formal de educação voltado às artes e à cultura.

### **Alguns apontamentos a respeito dos objetivos da academia e a atuação de nossos artistas**

A Academia de Belas Artes/Escola Nacional de Belas Artes ajudou a definir a formação de profissionais de arte que marcaram o desenvolvimento de conhecimentos artísticos na educação do país, ampliou os horizontes das artes plásticas criando um novo estatuto para o artista, fornecendo-lhe uma formação técnica aprimorada e expandindo o território artístico. Entre os objetivos da Academia, destacamos os que foram efetivos na atuação de nossos artistas. De Victor Meirelles, Martinho de Haro e José Silveira D'Ávila, temos mais material de consulta. Iniciamos recentemente a pesquisa com Agostinho Malinverni Filho e Dide Brandão, daí algumas lacunas.

**Objetivo 1** - Com a Academia, pretendia-se a implantação do ensino regular de artes e o embelezamento urbano, sobretudo, do Rio de Janeiro, sede do reinado.

---

<sup>15</sup> Disponível em <http://www.fundacaoculturaldeitajai.com.br> Acesso em 29 jan.2010.

<sup>16</sup> Disponível em <http://olharsobreitajai.blogspot.com/2009/07/museu-historico-de-itajai-expoe-vida-e.html> Acesso em 10 fev.2010.

**Objetivo 2** - O cuidado com que a arquitetura é mostrada dentro da paisagem natural é digno de nota, revelando antecipadamente a preocupação de Félix- Émile Taunay não só com a natureza, mas também com o espaço urbano ali representado.

No caso, a preocupação com urbanismo foi muito forte em Victor Meirelles e certamente se ele tivesse vivido mais tempo em Florianópolis, teríamos desta cidade um dos registros urbanos mais fascinantes da história do Brasil. Victor Meirelles se agiganta com o fato também de ter sido um dos primeiros, se não o primeiro artista brasileiro a eleger a cidade como tema de sua obra e a tratar a cidade como tema. Segundo Elza Ramos Peixoto (1982)<sup>17</sup>, Victor Meirelles foi um precursor da arte como meio de divulgação e de educação, pois quando montou a *Empresa de Panoramas da cidade do Rio de Janeiro*, sua intenção era que essas telas, ao serem apresentadas na Europa, mostrassem não só a beleza, como o grau de desenvolvimento urbanístico, comercial e industrial da capital do império e que haveriam de servir de propaganda emigrantista na época em que o Brasil tratava da abolição da escravatura. Para Peixoto (1982), parece não haver dúvidas alguma de que Victor Meirelles usou então a arte como auxiliar da educação, procurando atrair a sua exposição, escolares e jovens para que recebessem novos conhecimentos. A preocupação com a cidade também foi a tônica em Martinho de Haro e em suas obras veremos a pintura como um produto cultural carregado de metáforas que falam de uma cidade que não mais existe: a metáfora da saudade, do cais de pedra, a paisagem do informe presente nas nuvens e no mar, o silêncio das charretes, o trote dos cavalos tomando conta das ruas. Dono de um desenho sólido, preciso, elegante e requintado, declarava ser Florianópolis, a mais bela cidade do Brasil. Pregava um turismo ameno e não predatório para Florianópolis, que em sua opinião poderia ser patrimônio cultural da humanidade. Como membro do Conselho Estadual de Cultura evitou que muitos prédios históricos fossem demolidos. Em José Silveira D'Ávila, igualmente percebemos a preocupação com a cidade. Dizia que a ilha encantada por circunstâncias históricas e geográficas, tem um acervo magnífico de belezas naturais, obras de arte e costumes que deveriam ser carinhosamente preservados. Apelava aos habitantes de Florianópolis e autoridades para que formassem organismos e leis de proteção à conservação do seu casario colonial, das pequenas vilas históricas; criação de um plano urbanístico sem destruir o que há de belo e autêntico; proteção aos artesanatos locais e formação de uma sociedade de 'Amigos da Ilha'<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> PEIXOTO, Elza Ramos. Victor Meirelles e os panoramas. In: ROSA, Angelo de Proença et al. **Victor Meirelles de Lima (1832-1903)**. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982, p.103-121.

<sup>18</sup> Jornal **Ilha**. Entrevista com d'Ávila. Florianópolis, fevereiro de 1966.

Objetivo 3 - As academias procuravam garantir aos artistas formação científica e humanística. Por toda a documentação pesquisada, este objetivo foi plenamente atendido em pelo menos três de nossos artistas. Em D'Ávila, ressaltamos sua frase:

*Afinal, a cultura é um valor básico tão importante na estrutura mental e na sobrevivência de um povo como é o valor econômico, político, religioso, científico, etc. Um povo que não tem expressão própria, perdeu a sua alma. [...] Mais do que o conhecimento erudito, é a frequência às boas obras de arte que desenvolve a percepção e uma mentalidade identificada com o meio ambiente e as direções do espírito de uma comunidade.*<sup>19</sup>

Sobre Martinho de Haro:

*Se enquanto artista legou um importante acervo que possibilita uma profunda experiência estética, deixou também o exemplo de uma sensibilidade política e o comprometimento ético com o contexto em que está inserido, haja vista o seu empenho e envolvimento na criação do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), bem como o exercício administrativo como segundo diretor. Ou, ainda, o seu desprendimento ao doar o acervo pessoal de obras de importantes artistas brasileiro, para a formação da coleção do MASC. A dinamização da cinemateca do museu, em sua casa, sua participação no Conselho de Cultura e tantas outras ações que ultrapassam a fronteira do campo da produção, do ateliê, para inseri-lo como integrante ativo politicamente na vida.*<sup>20</sup>

Sobre Victor Meirelles, desnecessário comprovar, dada sua trajetória tão conhecida, todavia, cabe ressaltar que ele tinha preocupações sócio-econômicas e intuítos patrióticos e altruístas. Nesta época os panoramas haviam ingressado na esfera de publicidade das grandes Exposições Internacionais e esta sua preocupação é relevante, em respeito ao fato de ser precursor da utilização da arte como fator educativo entre nós.

Sobre Agostinho Malinverni Filho, destaca-se sua preocupação em criar 1ª. Escola de Belas Artes do Estado de Santa Catarina que funcionou em Lages, com métodos e modelos organizados e criados por ele, mesmo a despeito de sua curta duração. A escola funcionou por penas quatro meses e foi fechada por falta de apoio oficial para sua ampliação<sup>21</sup>.

**Objetivo 4** - Treinamento no ofício com aulas de desenho de observação e cópia de moldes. O modelo vivo, a cópia a partir de estudos de gesso da antiguidade e das pinturas das principais escolas artísticas eram métodos utilizados.

---

<sup>19</sup> Jornal **A Gazeta**. Inquieto e disposto à luta. Entrevista feita por Carlos Augusto Feldmann. Florianópolis, 18 de setembro de 1981.

<sup>20</sup> LAMAS, op. cit.

<sup>21</sup> GUEDES, Asdrúbal. **Malinverni Filho**. Escultor e pintor. Lages, SC, Prefeitura Municipal de Lages, 2ª ed. 1988.

Em todos os artistas pesquisados percebemos que estes métodos foram utilizados por eles ao longo de sua produção.

**Objetivo 5** - A Escola, o próprio nome indica, possui dupla face: formar o artista para o exercício das belas-artes e também o artífice para as atividades industriais.

**Objetivo 6** - A Academia visava a consolidação da instituição como órgão público útil, de respeito e destaque, almejando o seu reconhecimento e dos artistas recém-formados para que encontrassem lugares para exercer o ofício artístico em seus respectivos ramos de aplicação.

Nestes casos, em particular, todos os pesquisados estão inseridos, mas destaca-se a questão das atividades industriais em José Silveira D'Ávila. Em 1950 organizou com Carlos Oswald, o Atelier de Arte, que incrementou o desenvolvimento da gravura através de uma promoção em todo o Brasil. Como divulgador das artes, ajudou a criar a Associação Brasileira de Arte sacra, Escolinha de arte do Brasil, Associação de Artistas Plásticos Contemporâneos (ARCO). Foi primeiro presidente da Associação Brasileira de Artesãos (ABA), no Rio, criador das oficinas de Arte e diretor do MASC. Foi um estudioso do vidro de arte, trabalhando com várias fábricas cariocas e paulistas e um entusiasmado pelas coisas ligadas à profissão, especialmente quando passa a se dedicar ao artesanato e ao que entende-se como a primeira tentativa de união entre arte e indústria em Santa Catarina. Dide Brandão foi sócio-fundador da Associação de Artistas Plásticos em Brasília. Martinho de Haro não seguiu a linha dos arroubos teóricos do grupo modernista, se encaixando mais na proposta dos núcleos, que preconizava a profissionalização do ofício, com o qual era organizado e disciplinado.

**Objetivo 7** - Estruturada dentro do sistema acadêmico, vai fornecer um ensino apoiado de modo geral nos preceitos básicos do classicismo: a compreensão da arte como representação do belo ideal; a valorização dos temas nobres, em geral de caráter exemplar, como a pintura histórica; a importância do desenho na estruturação básica da composição; a preferência por algumas técnicas, especialmente a pintura a óleo, ou de alguns materiais, sobretudo o mármore e o bronze, no caso da escultura.

**Objetivo 8** - Aproximar-se das teorias neoclássicas dos séculos XVIII e XIX – acerca da perfeição do modelo grego na representação ideal da natureza – seria a chave para a formação do artista e para a constituição da arte brasileira, na formulação da didática que perduraria durante todo o século XIX na AIBA. Voltar-se para o registro da natureza nacional, como pregava Manuel de Araújo Porto Alegre.

Nestes itens, destaque para Victor Meirelles, com a pintura histórica e de paisagem, em que passa a ser professor, mas para todos cabe a compreensão da arte como representação do belo ideal e outras características. No caso de Agostinho Malinverni Filho, destaque para a utilização de

mármore e bronze, na escultura. José Silveira D'Ávila recebeu medalha de bronze em escultura, na Academia. A representação ideal da natureza era preocupação de todos os artistas, em que se concorda com Marques (IN DIAS)<sup>22</sup>, quando fala que a geografia no Brasil é muito mais real e verossímil, ela se impõe cotidianamente aos sentidos e enquanto na Europa das Academias, o gênero mais elevado é o da pintura de história, no Brasil, esse lugar será ocupado pela pintura de paisagem.

**Objetivo 9** - A produção acadêmica não era uniforme e nem sempre seguia os padrões da teoria que lhe dava sustentação, todavia seguia padrões em que se buscavam ordem, equilíbrio, harmonia, serenidade, preservação de idéias da antiguidade greco-romana, em que a arte deveria imitar a natureza e imitação da natureza significava que a arte deveria seguir as mesmas leis eternas e universais que regiam a organização do mundo.

**Objetivo 10** - É importante destacar que apesar de existirem consensos em torno de pontos fundamentais, como a supremacia do desenho em detrimento da cor, em vários pontos doutrinários as polêmicas eram freqüentes, indicando dificuldade em normatizar o sentido mais preciso da palavra classicismo. O ecletismo dos trabalhos dos artistas em parte pode ser explicado por esta diversidade de pontos de vista. Academicismo é sobretudo um conjunto de normas para a formação e a produção artísticas, que pretendiam ser universais.

Nestes itens, os argumentos e objetivos estão adaptados a todos os artistas, pois dentro do fato de que a arte deveria imitar a natureza e imitação da natureza significava que a arte deveria seguir as mesmas leis eternas e universais que regiam a organização do mundo, cada qual buscava sua poética. A supremacia do desenho em detrimento da cor é mais visível em Victor Meirelles e em Agostinho Malinverni Filho.

**Objetivo 11** – Manuel de Araújo Porto Alegre pregava a tentativa de modernização da academia pela ênfase no estabelecimento de bases teóricas para o ensino, na idéia de nacionalização da biblioteca (transformando-a na memória pictórica brasileira) e na criação de coleções de arte brasileiras.

**Objetivo 12** - Organização de exposições, concursos e prêmios, conservação do patrimônio, criação de pinacotecas e coleções, o que significa o controle da atividade artística e a fixação rígida de padrões de gosto.

---

<sup>22</sup> DIAS, Elaine, op. cit., p.15.

Nestes itens, todos os artistas pesquisados contribuíram, pois inclusive dois deles transformaram-se em professores de arte – Victor Meirelles e Agostinho Malinverni Filho e dois foram diretores do MASC – Martinho de Haro e José Silveira D'Ávila.

**Objetivo 13** - Ao lado da profusão de retratos do imperador e do registro de comemorações oficiais, parte dos artistas acadêmicos envolve-se na construção de uma memória da nação.

**Objetivo 14** - A retratística ganha especial destaque como objetivo da academia, onde a história dos grandes homens brasileiros deveria ser registrada. Neste contexto, a pintura de história estaria em segundo plano, trabalhando diretamente a pintura de paisagem, causando, de certa forma, um deslocamento na hierarquia dos gêneros artísticos, embora dê ao retrato um lugar especial.

Novamente, o destaque é de Victor Meirelles, todavia, Agostinho Malinverni Filho deixou uma obra expressiva em escultura, com seis estátuas e 12 bustos de personagens da história de Santa Catarina.

**Objetivo 15** - Consideram-se destaques da Academia, o sistema de Exposições Gerais, inaugurado em 1840 e a implantação do prêmio de Viagem à Europa, em 1845 que eram momentos privilegiados para a atuação da crítica de arte. Os professores da Academia distinguiam os artistas com medalhas, indicações de obras para aquisição do Estado, e com o almejado período de estudos em Paris ou Roma.

**Objetivo 16** - O prêmio de viagem constituiu a mais importante medida para a formação do aluno. Estendendo-se por todo o século XIX e adentrando o século XX, esse prêmio converteu-se numa essencial fonte de aprendizado e de contato com o ambiente artístico internacional, fazendo, ao mesmo tempo, com que os artistas mais destacados não abandonassem sua carreira e fortalecendo a Academia como instituição pública e produtiva.

Os artistas de Santa Catarina participaram das exposições gerais. Victor Meirelles, em 1848, conquista a grande medalha de ouro em pintura. Aos 20 anos, com a tela *São João Batista no Cárcere* (1852), conquistava o Prêmio de Viagem e entre 1853 e 1856, estuda em Roma e depois em Paris. Martinho de Haro recebe em 1936 a Medalha de Prata no salão Nacional de Belas Artes e em 1937 recebe o prêmio Viagem, sendo que por causa da guerra, fica na Europa apenas dois anos. Agostinho Malinverni Filho, com o quadro "Rua Taylor", em 1936, recebeu o primeiro prêmio na exposição coletiva da escola. José Silveira D'Ávila alcançou premiações importantes na ENBA como Medalha de Ouro em pintura e de Bronze em escultura. Em 1951 recebeu o prêmio de viagem ao estrangeiro onde permaneceu três anos. Da participação dos catarinenses, cumpre destacar que dos cinco artistas, três conquistaram o ambicionado prêmio de viagem, que constituía a mais importante medida para a formação do aluno e souberam corresponder às expectativas. Não resta

dúvida de que a formação que receberam foi fundamental para o cenário das artes visuais em Santa Catarina. Cabe-nos dar-lhes mais visibilidade.

Academicismo e modernismo se desfazem como rótulos, enquanto preservam elos com uma distante história da experiência visual e alimentam o entendimento de que toda a criação possui seu duplo não na originalidade nascida de um ponto zero ou a partir de uma ultrapassagem, mas sim na repetição e retorno de remotos problemas que se refazem incessantemente para voltar como desvio e diferença, lapso e esquecimento.